

Elaine Brandão Santos  
Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

## **O LIVRO DO GADO: FONTE SIGNIFICATIVA PARA A RECOMPOSIÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

### **RESUMO**

Este artigo tem como objetivo apresentar a importância do *Livro do Gado* para o estudo sócio-histórico do português brasileiro (PB), em especial, do interior da Bahia. De caráter privado, tal documento pode trazer grandes contribuições para a configuração linguística do período colonial, esclarecendo algumas questões sobre a penetração e difusão da língua escrita, ponto chave destacado por Mattos e Silva (2004) para diagnosticar as vertentes culta e popular do PB. Contempla-se, ainda, a questão do contato linguístico protagonizado pelos gentis, portugueses e africanos responsáveis pela complexa realidade sociolinguística brasileira atual, bem como a discussão sobre a origem do português popular brasileiro.

**Palavras-chave:** Português Brasileiro. Livro do Gado. Contato Linguístico. Língua escrita.

## **THE *LIVRO DO GADO*: SIGNIFICANT SOURCE FOR THE SOCIO-HISTORICAL RECOMPOSITION OF BRAZILIAN PORTUGUESE**

### **ABSTRACT**

This work aims to present the importance of the *Livro do Gado* for the socio-historical study of Brazilian Portuguese (PB), especially in the inland of Bahia state. As a private matter, this document can bring great contributions to the linguistic configuration of the colonial period, clarifying some questions about the penetration and diffusion of written language, a key point highlighted by Mattos and Silva (2004) to diagnose the cultured and popular aspects of PB. It also contemplates the issues related to the linguistic contact carried out by the gentiles, Portuguese and Africans who were responsible for the current complex Brazilian sociolinguistic reality, as well as the discussion about the origin of popular Brazilian Portuguese.

Keywords: Brazilian Portuguese. Book of Gado. Linguistic Contact. Written language.

## **EL *LIVRO DO GADO*: FUENTE SIGNIFICATIVA PARA LA RECOMPOSICIÓN SOCIOHISTÓRICA DEL PORTUGUÉS BRASILEÑO**

### **RESUMEN**

Este artículo tiene como objetivo presentar la importancia del *Livro do Gado* para el estudio socio-histórico del portugués brasileño (PB), en particular del interior de Bahia. De carácter privado, tal documento puede traer grandes contribuciones a la configuración lingüística del período colonial, aclarando algunas cuestiones sobre la penetración y difusión de la lengua escrita, punto clave destacado por Mattos e Silva (2004) para diagnosticar las vertientes culta y popular del PB. También incluye la cuestión de las lenguas en contacto realizado por los gentiles, portugueses y africanos responsables por la actual compleja realidad sociolingüística de Brasil, así como la discusión del origen del portugués popular de Brasil.

Palabras clave: portugués de Brasil. *Livro do Gado*. Contacto Lingüístico. Historia de la cultura escrita.

## **LE *LIVRO DO GADO*: SOURCE SIGNIFICATIVE POUR LA RECOMPOSITION SOCIO-HISTORIQUE DU PORTUGAIS BRÉSILIEN**

### **RESUME**

Cet article vise à présenter l'importance du « *Livro do Gado* » pour l'étude socio-historique du portugais brésilien (PB), en particulier, à l'intérieur de Bahia. En privé, tel document peut apporter de grandes contributions à la configuration linguistique de la période coloniale, clarifiant quelques questions sur la pénétration et la diffusion de la langue écrite, un point clé souligné par Mattos e Silva (2004) pour diagnostiquer les aspects culte et populaire du PB. Il comprend également la question du contact linguistique effectué par les gentils, les portugais et les africains responsables pour la complexe réalité sociolinguistique brésilienne actuelle, ainsi que la discussion sur l'origine du portugais brésilien populaire.

Mots-clés: Portugais brésilien. « *Livro do Gado* ». Contact linguistique. Langue écrite

## INTRODUÇÃO

Percorrer o trajeto da formação histórica do português brasileiro (PB) tem sido um dos objetivos de muitos estudiosos, a fim de reconstruí-la para desvendar o caráter diglótico dessa língua, a qual tem a sua gênese marcada por um multilinguismo representado pelo contato linguístico entre diferentes povos, no início da colonização do Brasil.

Um dos caminhos é debruçar-se sobre fontes escritas, pois somente através de documentação do passado é que se pode compreender a formação e o percurso de uma língua ao longo do tempo. Para isso, faz necessário vasculhar em acervos diversos, desde os que possuem documentos públicos a baús empoeirados, principalmente este último, pois podem fornecer “vozes” de um cotidiano que contribuirá na constituição do PB, mais especificamente na vertente do português popular.

Nesta direção, este trabalho tem como objetivo mostrar a importância do *Livro do Gado* para os estudos da sócio-história do PB, pois trata-se de um testemunho linguístico, de foro privado, representativo do período setecentista e oitocentista, o qual pode colaborar com a história da penetração da língua escrita do interior da Bahia, local de origem desse documento.

O presente trabalho está estruturado da seguinte forma, na primeira seção, expõe-se um breve comentário sobre a sócio-história do PB e a Transmissão Linguística Irregular, conceituada por Lucchesi (2001). Na segunda seção, apresenta-se um dos caminhos para o entendimento da diglossia do PB. A terceira esboça a relevância de fontes escritas para estudos desta natureza. Na quarta seção, aborda-se a importância do *Livro do Gado* para os estudos do PB. E, por fim, as considerações finais.

## 1 REVISITANDO A SÓCIO-HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para compreender a realidade linguística do português brasileiro (PB) faz necessário lembrar de fatos sócio-históricos ocorridos nos três primeiros séculos

de formação do Brasil, os quais contribuíram para o caráter heterogêneo dessa língua que, muitos ainda tentam camuflá-la de singular, mergulhados na utopia da homogeneidade.

Um desses aspectos trata-se do multilinguismo protagonizado entre índios, portugueses e africanos durante o processo de colonização. Segundo Mattos e Silva (2004, p.37) “no Brasil se usavam para mais de mil línguas autóctones, de vários grupos linguísticos, no início da colonização” junto com estes falares convivia a língua da minoria dos portugueses, que cruzaram o além-mar e aqui se estabeleceram sob o forte interesse político e comercial. Nesse contexto, os portugueses tiveram que aprender a língua dos gentis, surgindo, inicialmente, um processo de bilíngüismo.

Vale destacar que as línguas africanas passam a fazer parte desse cenário, pois devido o tráfico negreiro, chegam a terras brasileiras “falantes de alguns grupos linguísticos oeste-atlântico, mande, Kru, gru benue-Kwa (não banto) e banto, além de outros” (MATTOS E SILVA 2004, p.38). Nessa perspectiva, com o objetivo da exploração de mão de obra escrava e barata, os africanos e seus descendentes tornaram-se personagens-chaves para atingir o propósito de riqueza dos portugueses, perdurando por séculos, na labuta forçada da cana de açúcar, mais tarde no ciclo de mineração, estendendo-se pelos séculos seguintes. Dessa forma, os africanos e afro-descendentes se constituíram em maioria na demografia brasileira do período colonial, contribuindo fortemente para o processo de multietnicismo, informação que pode ser constatada nos dados descritos por Mussa (1991, p.163 apud Mattos e Silva, 2004, p.18), conforme tabela abaixo.

Tabela 1: Demografia histórica da sociedade brasileira, Mussa (1991).

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Desse complexo cenário, emergiu o que Mattos e Silva denominou de *língua geral*, isto é, uma língua

que se fez da escuta e na oralidade, de forma deficiente, sendo portanto, a matriz do que veio a se chamar de variedade popular do PB.

A partir do que foi exposto, observa-se que o contato de etnias várias teve influência relevante para moldar o que hoje se chama de português brasileiro - uma língua rica, plural, cheia de vertentes, as quais refletem justamente a cultura daqueles que a compôs - fazendo jus à seguinte frase “os homens fazem a língua, e não a língua os homens” (Fernão de Oliveira 1975, p. 43 apud Mattos e Silva, 2004, p. 91). E bem definida por Lucchesi (2001) quando afirma que o PB é plural e polarizado.

### 1.1 O conceito de transmissão linguística irregular: uma hipótese plausível

O grande debate sobre o contato entre línguas ameríndias, portuguesa e africanas na formação do PB, descrito no tópico anterior, é um assunto que vem sendo discutido há tempos por vários linguistas. Toda essa problematização gira em torno de tentar entender como se deu as vertentes do português brasileiro, em especial a variedade popular.

Neste contexto, existe um grupo que defendem o processo da deriva secular, a exemplo, os linguistas Naro e Scherre (1993) que afirmam que os processos de mudanças ocorridos no PB já estariam pré-estabelecidos na sua configuração, pois isso nada mais é que uma mudança interna, lenta e gradual própria da língua, ou seja, da deriva. Outros que advogam a favor da crioulização, como Adolfo Coelho (1980) que lançou, pela primeira vez, a teoria da base crioula na tentativa de elucidar a semelhança entre o PB e os crioulos, observando a particularidade entre as duas línguas, e notou que a supressão das formas do plural que deveriam concordar quando acompanha o artigo e substantivo, só um fazia a marcação, sustentando, assim, a sua hipótese, abrindo o caminho para outros linguistas, nesta mesma perspectiva, um deles, só a título de ilustração, foi Gregory Guy.

Já Lucchesi (2001) acredita que o que ocorreu no português popular brasileiro (PPB) não foi um processo

de crioulização ou deriva, mas um processo de transmissão linguística irregular (TLI), isto é, uma mudança na língua decorrente do contato, sem que as alterações ocorridas cheguem a uma nova configuração linguística.

Lucchesi (2001, p.101) diz que este “português adquirido precariamente como língua dois”, ou seja, pelo processo de TLI, pelos aloglotas, que se estendeu até meados do século XVIII, sendo freado pela política pombalina, ganhou uma nova configuração a partir do final do século XIX a início do XX com o extenso processo de industrialização e urbanização. Nesse caso, a vertente culta, originária do português de Portugal e a vertente vernacular estariam se aproximando. Mais tarde, segundo Lucchesi (2001), ocorre um “afrouxamento linguístico”, gerando certas tendências de mudanças, como pode ser visto na citação que segue.

[...] enquanto, no português popular, verifica-se uma tendência de mudança “para cima”, não em direção aos padrões normativos, mas em direção ao padrão urbano culto (ou semi culto; no português culto, assiste-se a uma tendência de mudança de afastamento do padrão normativo de matriz europeu, uma mudança que se pode definir como “para baixo”[...] (LUCCHESI, 2001, p.109).

Dessa configuração é que o referido autor sustenta a idéia de polarização e pluralização do PB.

Portanto, estudar as variedades culta e popular do PB é importante não só para esclarecer a dimensão do contato linguístico, mas é essencial para entender a realidade linguística brasileira dos dias de hoje.

## 2 O CARÁTER BIPOLAR DO PB: SUGESTÃO PARA TAL DIAGNÓSTICO

Mattos e Silva (2004, p.31) alerta que a partir dessa antiga discussão -crioulização ou deriva - acerca do PPB o que se tem há fazer agora é “conjuguar esforços para reconstruir a sócio-história do português brasileiro”, só assim será possível compreender a dualidade e pluralidade dessa língua tão intrigante.

Uma direção é estudar a penetração da língua escrita, questão que já tinha sido destacada por Houaiss (1985, p.127), com o seu famoso trabalho, *O português no Brasil*. O referido autor sugere algumas vias<sup>1</sup> de pesquisas, entre elas, a quarta via que corresponde à “análise da penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias, numa leitura essencialmente linguística”.

Mattos e Silva (2004), retomando as ideias de Houaiss, propõe como hipótese de trabalho quatro grandes campos de pesquisas:

- (a) O campo que se moverá na reconstrução de uma história social linguística do Brasil;
- (b) O campo que se moverá na reconstrução de uma sócio-história linguística ou de uma sociolinguística histórica;
- (c) O campo que se moverá na reconstrução diacrônica no interior das estruturas da língua portuguesa em direção ao português brasileiro;
- (d) O campo que se moverá no âmbito comparativo entre o português europeu e o português brasileiro. (Mattos e Silva, 2004, p.58).

No campo (a), destaca que a questão da escrita é de extrema relevância para o diagnóstico diglossico do PB, mas esta não pode ser estudada somente pelo viés linguístico, deve-se considerar também os elementos extralinguísticos.

### 3 A RELEVÂNCIA DE FONTES ESCRITAS NA RECOMPOSIÇÃO DO PB

É sabido que, para compreender os tempos pretéritos do português brasileiro, muitas histórias precisam ser reconstruídas e o recurso para isso é a utilização de fontes escritas, uma vez que estas permitem entender o percurso de uma determinada língua. Nesta direção, afirma Mattos e Silva:

Para recuperar a história do português brasileiro, teremos de ter um conjunto significativo de documentação,

representativa desde os estilos mais informais (cartas particulares, narrativas pessoais, documentos em que o emissor e sua definição social possam ser ENTREVISTOS etc.), até os mais formais (documentação oficial, documentação literária etc.) (MATTOS E SILVA, 2004, p.62)

Desta forma, arquivos de todas as categorias são de grande utilidade para tal investigação. Lobo (2009, p.308) defende ainda que, como PB foi formado no contexto do contato linguístico é interessante ter também objetos de estudo diversificados em sub-grupos, como os seguintes:

[...] arquitetura de um corpus lingüístico ideal deveria abranger não só textos de tipologia diversa [...], mas também integrantes de distintos sub-*corpora*, que permitissem conhecer: SUB-CORPUS 1: as variedades do português europeu transplantado no período colonial e pós colonial para o Brasil.; SUB-CORPUS 2: as variedades do português falado como segunda língua pelos aloglotas – índios, africanos e imigrantes; SUB-CORPUS 3: as variedades do português brasileiro que se foram constituindo e configurando nos termos de Lucchesi (1994), a polarização sociolingüística da realidade contemporânea [...] (LOBO, 2009, p.308).

Neste sentido, seria na exploração dessa gama de documentações, uma das formas de desvendar a complexa realidade linguística do PB.

Vale lembrar que como o PB é composto por duas variedades, as direções de investigação devem ser realizadas por vias distintas, como bem salienta Mattos e Silva (2008, p.15)

a reconstrução do passado do português brasileiro popular ou vernáculo, como sabemos, não podem ser rastreado historicamente pelas mesmas vias de pesquisas do português brasileiro culto.

Com destaque, no que diz respeito à busca de materiais do português popular brasileiro esta deverá ser “escavada” nos arquivos privados, documentos dessa natureza podem ser menos opaca a traços da oralidade, já que esta vertente, em tempos passados, foi gerada em situações rudimentar de fala como já foi salientado.

O registro do *Gado* por se enquadrar na categoria privada é muito valioso para a reconstrução do PB, sobretudo por refletir a cultura e vivência de um cotidiano de uma Bahia rural, configurando em elemento rico para a investigação do PPB.

#### **4 O LIVRO DO GADO: TESTEMUNHO LINGUÍSTICO IMPORTANTE PARA OS ESTUDOS DO PB**

O manuscrito da família Pinheiro Canguçu - o *Livro do Gado*<sup>2</sup> - é um instrumento de grande valia para a recomposição sócio-histórica do PB, pois se trata de um documento do ambiente privado, escrito por três gerações de duas nacionalidades diferentes, a saber, portuguesa e brasileira.

Sendo assim, o seu estudo pode fornecer um panorama linguístico de sua época contribuindo para o entendimento do português brasileiro.

Partindo para a questão de que, nos estudos de perspectiva sócio-histórica fatores extralinguísticos são essenciais na reconstrução do PB, Petrucci (2003, p.7-8) destaca algumas perguntas que devem ser identificadas e contempladas neste tipo de estudo, a exemplo *Quem? Onde? Quando?* Neste direção, apresentam-se esses pontos sobre o *livro do Gado*.

#### **Quem são os escreventes?**

Miguel Lourenço de Almeida foi o primeiro senhor do Campo Seco, segundo Santos Filho (2012), o mesmo nasceu em 1708, em Camarões, freguesia de São Pedro do Almargem do Bispo, no conselho de Sintra, distrito de Lisboa, Portugal. Ao que se sabe não era de família nobre, mas tornou-se um homem de muitas posses.

Miguel Lourenço chegou ao Brasil em meados do século XVIII, não cruzou o Atlântico com o propósito de enriquecer, como os aventureiros e mineradores que assim os faziam, mas veio com a intenção de ficar. Por volta de 1742, residia na Vila da Barra, povoado do sertão de Rodelas, nesta época, exercia a profissão de contador e capitão-general de Pernambuco, atuou ainda como contador do tribunal dos ausentes. Em Portugal foi “Familiar do Santo Ofício”<sup>3</sup>.

Casou-se com Ana Francisca da Silva, com quem teve 8 filhos, 6 mulheres e dois homens. Miguel Lourenço morreu aos 77 anos, em 1785.

De acordo com Santos Filho (2012), Antônio Pinheiro Pinto, o segundo senhor do Campo Seco, era natural de Caitité – Bahia. Casou-se com Bibiana Maria de Jesus, filha de Miguel Lourenço de Almeida, com quem teve dois filhos: Inocêncio José Pinheiro Pinto Canguçu e Zeferina Maria de Santo Antonio. Foi, na oportunidade, fazendeiro, agricultor e comerciante.

Antônio Pinheiro Pinto, ao que tudo indica, teve pouca instrução, “não impressionava o mal talhe de sua letra, o desembaraço de sua caligrafia e a firmeza da mão no traçar a sua complicada assinatura, que ele gostava de lançar” (SANTOS FILHO, 2012, p.113).

Faleceu em 1822, por consequência de ferimento provocada por arma branca, desferida por um escravo.

Inocêncio José Pinheiro Canguçu foi o terceiro senhor do Campo Seco, nasceu em Bom Jesus dos Meiras – Bahia, no ano de 1795, diferente do pai e do avô era de temperamento aventureiro. Casou-se com Prudência Rosa de Santa Edwiges, com quem teve dez filhos, entre eles: Exupério Pinheiro Canguçu e Leolino Pinheiro.

O contato com as primeiras letras ocorreu em janeiro de 1802, na Escola do Mestre Tomás José da Costa. Depois, em 1810, passa a estudar com o Mestre Inácio Ferra de Sá. “Em relação à escrita, Inocêncio não se igualou ao pai. Ficou bem aquém. A insegurança da letra, denotada pela má caligrafia era notável. A grande quantidade de erros ortográficos encontrados em sua

escrita não era cometida por seu pai e seu avô” (SANTOS FILHO, 2012, p.113).

Faleceu em setembro de 1861, aos 66 anos, em uma de suas fazendas, em Minas Gerais. A sua morte acarretou em nova e grande divisão das propriedades rurais da família.

Onde?

Tal Livro se conservou no arquivo do Sobrado do Brejo do Campo Seco, localizado na fazenda de criação do Brejo do Campo Seco, no povoado de Bom Jesus dos Meiras, hoje denominado Brumado, na região da Serra Geral, no sertão baiano.

Trata-se de um livro com apontamentos contábeis referente à criação de animais, bem como de registro de ferra e marcação dos bezerros, de poldros e poldras e de muares, de partilhas e entregas de animais pelas várias fazendas. Além de trazer informações do cotidiano da fazenda e de seus escreventes.

Quando?

Este documento corresponde aos fins do século XVIII e meados do século XIX, mais especificamente, entre o ano de 1755 a 1832. Alguns estudos apontam características importantes sobre esse período, nesta localidade do interior baiano. São fatores que dizem respeito à demografia e a escolarização, pontos relevantes para o entendimento da diaglossia do PB, como bem ressaltou Mattos e Silva (2004).

Carneiro e Almeida (2011) em suas pesquisas sobre o semi-árido verificaram que o povoamento e a criação de vilarejos, na região que abrange o alto sertão ou Igaporã, no período colonial, deram-se de forma lenta e pouco uniforme, e que alguns elementos foram fundamentais para este processo, como a criação de gado e a exploração de minérios. As autoras afirmam:

Igaporã apresenta, para o período estudado, um total de 522 escravos registrados na região

entre 1768-1883, desses 86,05% (395/459) do total de identificados são de brasileiros e apenas 13,94% (64/459) de africanos. No que se refere ao índice de concentração por fazendas, em Igaporã, não há muitos escravos numa só unidade produtiva. (CARNEIRO E ALMEIDA, 2011, p.4)

Cruzando esses dados com outras informações populacionais levantada por Carneiro e Almeida (2011), a exemplo da região Itapicuru (Região Nordeste) e Chapada Diamantina, as autoras chegaram à conclusão de que essas regiões foram importantes pólos do contato entre línguas no período colonial.

No que diz respeito à escolarização no interior da Bahia, depois de um levantamento sobre escolas em províncias, no período imperial, Carneiro e Almeida (2011, p.17) salientam que “talvez não possamos falar de um português culto no interior da Bahia para o período aqui estudado, mas, apenas, de um português semi-culto, e, principalmente, de um português popular, se, de fato, o processo de escolarização ocorreu nessa região [...]”. Isso porque as escolas eram de péssimas condições e só abrangia poucas localidades, ocorrendo baixos níveis de alfabetização.

Deste contexto, observa que o *Livro do Gado* apresenta aspectos relevantes para o estudo da sócio-história do PB, tanto na perspectiva linguística como extralinguísticas, uma vez que o perfil dos escreventes brasileiros evidenciam pouco contato com a língua escrita, e também tal documento faz parte de um ambiente propício do contato linguístico.

O seu estudo pode fornecer dados importantes para verificar como ocorreu a penetração da língua escrita nesta comunidade de fala e, principalmente, no interior baiano. E um dos objetivos é realizar a descrição de índices grafo - fonéticos deste material justamente para observar se o texto do *Livro do Gado* representa uma aproximação do português popular no Brasil do passado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas essas informações, observa-se que a reconstrução da sócio-história do português brasileiro é essencial para o entendimento da identidade linguística brasileira, mergulhar em documentos de tempos pretéritos é uma alternativa para atingir tal intuito.

Neste sentido, o estudo do *Livro do Gado* vem contribuir para entendimento do cenário linguístico do interior baiano, uma vez que a sua especificidade volta-se para a esfera de cunho particular. Com isso, a sua análise pode trazer indícios de um português popular, corroborando com a hipótese viável da Transmissão Linguística Irregular.

Como afirma Mattos e Silva (2004, p. 31), “o trabalho será de muitos e para muito tempo”. Sendo assim, é do trabalho com este manuscrito, que se almeja ajudar a compor, em um dia não tão distante, o mosaico da fascinante história linguística do PB, uma história cheia de dores, cores e dialetos.

## NOTAS

- 1 Sobre as demais vias de pesquisas, ver Houaiss, 1985.
- 2 O *livro do Gado* está vinculado ao projeto de pesquisa do CE-DOHS – Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, que integra o Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa - NELP, do Departamento de Letras e Artes - DLA, da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS.
- 3 Nome dado àqueles que serviam ao Tribunal da Inquisição em Portugal. Em 16/07/1547 D. João III, rei de Portugal, com o consentimento do pontífice Paulo III, instala o Tribunal da Inquisição e tinha como objetivo encarcerar, confiscar bens e punir de morte todos os culpados de cometer heresia.

## REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. A criação de escolas a partir de critérios demográficos na Bahia do século XIX: uma viagem ao interior. In: NEVES, E. F. (Org.). *SERTÕES DA BAHIA: Formação Social, Desenvolvimento Econômico, Evolução Política e Diversidade Cultural*. Salvador: Arcádia, 2011.

CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes de. *Demografia e norma linguística no semiárido*

*do baiano nos séculos XVIII e XIX: uma introdução*. In: NEVES, E. F. (Org.). *SERTÕES DA BAHIA: Formação Social, Desenvolvimento Econômico, Evolução Política e Diversidade Cultural*. Salvador: Arcádia, 2011.

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

LOBO, Tânia. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: Oliveira, K.; CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J. (orgs). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009, p.305-327.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história Sociolinguística do Brasil (1500-2000). *DELTA*. São Paulo. V.17, n.1, p.97-132, 2001.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*. Caderno das Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p.11-30, 2008. Disponível em: <www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/artigo1.pdf >. Acesso em: jun. 2016.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. Parábola Editorial, 2004.

PETRUCCHI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *Uma comunidade rural do Brasil antigo: aspectos da vida patriarcal no Sertão da Bahia, nos séculos XVIII e XIX*. Salvador: UEFS: Fundação Pedro Calmon, 2012.

## OS AUTORES

**Elaine Brandão Santos** é Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Participa do Projeto de Pesquisa CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, como bolsista FAPESB desde a Iniciação científica até o presente momento. E-mail: lanyangel8@hotmail.com

**Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda** é Doutora em Letras e Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA, com estágio sandwich de doutoramento, financiado pela CAPES, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/Centro Linguístico da Universidade de Lisboa. É professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e coordenadora do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa (NELP) e do projeto Banco Informatizado de Textos (BIT/PROHPOR/UFBA). Vice-coordenadora do Projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS/UEFS) e pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares em Humanidades Digitais (NEIHD/UEFS), do Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR/UFBA) e do Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB/BA). E-mail: marianafag@gmail.com